

SOARES, A.M.M. E MOSER, A. **Bioética: do consenso ao bom senso**. 1ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2006, pp. 190 ISBN 85-3263-283-1.

por *Angélica Teresa Pereira*

O livro “Bioética: do consenso ao bom senso”, escrito por André Marcelo M. Soares e Antônio Moser, publicado em Petrópolis, pela Editora Vozes, ano 2006, em sua 1ª edição com 190 páginas, foi dividido em duas partes, a primeira composta de três capítulos de autoria de André Marcelo M. Soares e a segunda, com quinze capítulos, destes, um de autoria de Antônio Moser e André Marcelo M. Soares com o título “Anencefalia: como lidar com os imprevistos” e outro de autoria de André Marcelo M. Soares e João Carlos de Pinho, intitulado “Questões bioéticas relativas ao final da vida”, os demais de autoria de Antônio Moser, tem como objetivo principal a bioética, buscando aprofundar o tema pela ótica do ser humano, evitando que um dito consenso social se sobreponha ao bom senso. Diante de questões tão complexas, se faz necessário que o indivíduo, antes de tudo compreenda a dimensão em que se está inserido para posteriormente ir à busca do consenso social.

A introdução aborda a dificuldade de se ter um consenso ético, considerando que a idéia de consenso nasce das diversas democracias existentes, onde o povo determina o que deseja. A primeira parte, escrita de forma brilhante, por André Marcelo M. Soares, fato que se repete nos outros dois capítulos que assina em conjunto com Antonio Moser e João Carlos de Pinho, aborda o nascimento da ética médica, sua evolução e sua importância para a Bioética. Aproveita e faz um histórico da Bioética e as mudanças ocorridas ao longo dessas três últimas décadas, apontando os princípios bioéticos como fundamentais para a compreensão desta disciplina complexa e em constante evolução. Oportunamente, ressalta a necessidade de, desde a graduação, os profissionais de saúde serem introduzidos no princípio da autonomia, para que sejam capazes de ao elaborar um Termo de Consentimento Informado e Esclarecido tenham consciência exata do que é o respeito a autonomia do paciente.

Ressalta, ainda, o autor que a Bioética não é disciplina que possa ser codificada, considerando que o seu estudo parte do individual para o geral e não ao contrário, desta forma legislar esta disciplina implica em sufocar a sociedade e impedir a sua evolução natural. Expõe que os avanços tecnológicos despertaram para a reflexão social, política e científica, devendo as duas primeiras serem realizadas através de uma análise sociológica do discurso científico. Dando

destaque para a responsabilidade, aqui entendida como imperativo ético, das novas tecnociências.

Aponta as reflexões do teólogo católico Joseph Fletcher, 1954, que analisou a liberdade e a autonomia do paciente, passando a defender posição liberal sobre eutanásia, revelação da verdade e direitos dos pacientes. E do teólogo metodista Paul Ramsey, que ao longo do ano de 1970 observou a relação médico-paciente nas diversas enfermarias do hospital da Universidade de Georgetown. Demonstrando, assim, o real papel do teólogo na discussão bioética. Afirma que a função da teologia é apontar para a ciência as suspeitas sobre os reais benefícios para a sociedade, ou ameaça à vida humana.

A segunda parte escrita por Antônio Moser, buscou apresentar conceitos e fundamentos de muitos assuntos, como: genética, biotecnologia, início e fim da vida, eutanásia, suicídio, qualidade de vida, biodiversidade, terceira idade etc. Propõe o autor indicar caminhos por onde se pode chegar a uma solução dos conflitos existentes. Entretanto, como se pode observar ao longo da leitura o autor não seguiu uma linha de raciocínio capaz de levar o leitor a uma compreensão do seu texto, pois é, o mesmo fragmentado, cheio de várias idéias desconexas, muito embora sobre o tema, mas não guardando uma cronologia ou lógica suficiente para mostrar ao leitor os problemas relativos aos temas abordados. Esta hemorragia de idéias, em nenhum momento demonstra o bom senso buscado pela idéia da obra. Além do que, determinados conceitos são tão confusos que fazem com que o leitor se sinta perdido na leitura. Como por exemplo: o capítulo IV – Laboratórios na busca do produto perfeito, em que pela primeira vez fala de bom senso, sob a afirmativa de que a bioética ajuda a estabelecer limites e a interpelar o bom senso da humanidade.

Vale ressaltar que os textos escritos por André Marcelo M. Soares em conjunto com Antônio Moser e João Carlos Pinho, salvam a segunda parte da obra.